

**Ciclos femininos e resistência em (re)leituras ecofeministas de
Omáua, a menina que mora no fundo dos rios, de Eliane
Potiguara e o mito de deméter, de Martha Robles**

*Feminine cycles and resistance in ecofeminist (re)interpretations of Omáua, a
menina que mora no fundo dos rios, by Eliane Potiguara, and O mito de Deméter, by
Martha Robles*

Alícia Maria Pereira GABRIEL*

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Suênio Stevenson Tomaz da SILVA**

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

RESUMO: Este artigo analisa as narrativas *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*, de Eliane Potiguara, e *O mito de Deméter*, recontado por Martha Robles, sob uma perspectiva ecofeminista. O estudo investiga como ambas as histórias, apesar de pertencerem a contextos culturais e temporais distintos, se entrelaçam ao valorizar o vínculo entre feminino, natureza e resistência. As personagens centrais, Omáua e Deméter, simbolizam a ciclicidade da vida, a conexão espiritual com a terra e a preservação cultural por meio da narrativa. Diante disso, o presente trabalho ressalta como essas obras articulam elementos sagrados, ecológicos e políticos, promovendo reflexões sobre identidade, ancestralidade e sustentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ecofeminismo. Narrativas Indígenas. Mitologia Grega. Ciclos da Natureza. Resistência Feminina.

ABSTRACT: This article analyzes the narratives *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*, by Eliane Potiguara, and *O mito de Deméter*, retold by Martha Robles, from an ecofeminist perspective. The study investigates how both stories, despite belonging to different cultural and temporal contexts, are intertwined in valuing the link between femininity, nature, and resistance. The central characters, Omáua and Demeter, symbolize the cyclical nature of life, the spiritual connection with the earth, and cultural preservation through narrative. In light of this, this study highlights how these works articulate sacred, ecological, and political elements, promoting reflections on identity, ancestry, and sustainability.

* Mestranda em Estudos Literários, na linha de Práticas leitoras e diversidade de gêneros literários do Programa de pós-graduação em linguagem e ensino (PPGLE) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, PB. E-mail: aliciagabriel1997@gmail.com.

** Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Professor Permanente do PPGLE/UFCG. Campina Grande, PB. E-mail: suenio.stevenson@professor.ufcg.edu.br.

KEYWORDS: Ecofeminism. Indigenous Narratives. Greek Mythology. Cycles of Nature. Female Resistance.

Introdução

Se somos parte da natureza, como podemos ignorar sua voz nas histórias que herdamos? As narrativas ancestrais sempre refletem as sociedades atuais, seja nas antigas culturas greco-romanas ou nos povos originários do Brasil. Em seu cerne, essas histórias frequentemente destacam a força e o poder das mulheres, ao mesmo tempo em que revelam a presença de preconceitos estruturais, muitas vezes reafirmados nas entrelinhas.

Nesse sentido, as narrativas escolhidas trazem consigo a similaridade de duas personagens femininas que têm um grande vínculo com a natureza. Primeiramente Deméter, irmã e amante de Zeus, o deus do Olimpo. Ela era conhecida como a deusa da colheita, tem sua vida devastada pelo rapto de sua filha, pelo próprio tio, seu irmão Hades – o deus do submundo. Deméter, que antes trazia vida à Terra, passou a refletir sua tristeza em seus atos, e aquilo que era vivo tornou-se frio e sombrio. Apenas após um acordo com Zeus e Hades sua felicidade foi parcialmente restaurada: por seis meses, sua filha Perséfone poderia deixar o mundo subterrâneo e permanecer ao seu lado. Assim, surgiu a alternância das estações: o inverno, período em que Deméter está afastada da filha e a Terra permanece adormecida, e o verão, quando Perséfone retorna, permitindo que o meio ambiente renasça e dê frutos.

Já Omáua narra a história de uma menina indígena que morreu pouco após o nascimento. Sua mãe, tomada pela tristeza, chora às margens do rio Amazonas e, exausta, adormece. Em sonho, encontra a filha, agora pertencente ao plano espiritual. A menina consola a mãe e revela que passou, ou voltou, a fazer parte dos rios, lagos, montanhas e árvores, assim como cada ser e pessoa, unindo-se ao tempo e ao espaço. Ela se torna divina e espiritual, parte do meio natural, tantas vezes rejeitada pela sociedade ocidental. Ao despertar, a mãe reconhece que a luta indígena precisa continuar, não apenas por sua filha e pelos ancestrais ligados à floresta, mas também por toda a humanidade.

Perante o exposto, este artigo tem como propósito prover uma leitura dos contos *Deméter*, de Marta Robles (2006) e *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios* de Eliane Potiguara (presente no livro *Originárias*, de Truduá Dorrico e Maurico Negro,

2023) à luz do ecofeminismo. Objetiva, desta forma, responder como as duas narrativas se entrelaçam, mostrando suas semelhanças e divergências, do mesmo modo que, evidenciar como as personagens são vistas nessas narrativas, como reforçam a resistência e a reexistência das narrativas e quais as relações simbólicas que surgem em relação a personagens e a natureza.

Como método, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo (Moreira e Caleffe, 2008), fundamentada nos referenciais do ecofeminismo, da crítica feminista de gênero e da literatura indígena. Além disso, há o confronto das narrativas analisadas, adotando-se assim, a abordagem da literatura comparada, que se dedica a investigar as influências recíprocas entre textos literários de diferentes contextos culturais, temporais e geográficos (Nitrini, 2021, p. 52). O objetivo é realizar uma leitura das narrativas *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*, de Eliane Potiguara (2023), e O mito de *Deméter*, recontado por Martha Robles (2006) à luz da perspectiva ecofeminista. A escolha metodológica se justifica pelo interesse em compreender como essas narrativas constroem simbologias que entrelaçam ciclicidade, natureza e resistência, observando de que modo os ciclos da terra e da água se relacionam aos ciclos femininos.

Para tanto, foram realizadas leituras e releituras das obras, destacando-se passagens que representassem a relação entre as personagens femininas e os elementos naturais, seguidas de codificação temática com categorias, como; “ciclos naturais” e “antropomorfismo”. Em seguida, os trechos selecionados foram articulados aos aportes teóricos de Puleo (2002), Nogueira (2017), Federici (2004), Lerner (2019), Campbell (2015), Christ (1978), Krenak (2019-2022) e Maciel (2023), buscando evidenciar como as narrativas analisadas ampliam a compreensão da resistência feminina e ambiental no contexto indígena e mitológico. Essa metodologia possibilita aprofundar a leitura simbólica e cultural dos textos, respeitando as epistemologias indígenas e valorizando a oralidade, a circularidade e a reciprocidade com a terra como elementos de leitura e resistência ecofeminista.

1. O ecofeminismo como lente: (re)leituras de narrativas gregas e indígenas

Por muito tempo, narrativas míticas e literárias, em diferentes tempos e culturas, vem construindo representações simbólicas que moldam o imaginário coletivo e individual das sociedades humanas. Neste prisma, podemos citar as narrativas míticas da Grécia Antiga como constituinte de um repertório simbólico profundamente enraizado na cultura ocidental. Inicialmente, formadas por meio da oralidade e transmitidas através da poesia, dos cantos de teatro. Essas histórias carregavam múltiplas funções, como, por exemplo, explicar fenômenos naturais ou organizar a vida social e até mesmo expressar os valores de uma coletividade (Campbell, 2015). E mesmo que estejam distantes, tanto no tempo quanto no espaço, das tradições orais dos povos originários, essas narrativas compartilham a característica de conectar o mítico ao cotidiano, o simbólico e o político.

Seguindo essa perspectiva, podemos afirmar que o papel das divindades femininas assume grande relevância no âmbito dos mitos gregos, já que não se tratava apenas de histórias fabulosas, mas também ferramentas pedagógicas e religiosas, muitas vezes ligadas a rituais de passagem, práticas agrícolas e celebrações cívicas. Narrativas de contos gregos trazem consigo os preconceitos da época, quem estava no poder, e quem sempre esteve no poder foram os homens. Os cultos às deusas eram frequentemente usados para legitimar o papel de mulheres como mães e esposas, reforçando suas funções reprodutivas como centrais (Nogueira, 2017).

Ao mesmo tempo que, como afirma Gerda Lerner (2019), o culto às deusas antigas não indicam um passado em que o feminino tivesse uma maior centralidade simbólica, visto que o poder religioso feminino não garantia poder social ou político para as mulheres. Essa realidade reflete os tempos atuais, nos quais, apesar do aumento da representatividade feminina no poder e na mídia, o Brasil ainda está em *quinto lugar no ranking de feminicídio* de acordo com a Itatiaia Brasil¹.

No passado, as deusas eram reverenciadas principalmente por sua relação com a Terra e sua capacidade de gerar vida, assim como o próprio Mundo natural. Com o tempo, porém, aquilo que era considerado sagrado tornou-se alvo de exploração. Como afirma Silvia Federici em sua obra *Calibã e a bruxa* (2004), as mulheres passaram a ser tratadas como instrumentos de reprodução da força de trabalho. O divino tornou-se inatingível, e

¹ Grifo nosso. Disponível em: <[Brasil é o quinto país em ranking mundial de casos de feminicídio - Rádio Itatiaia](#)>. Acesso em: 09 de out. de 2025.

as mulheres, assim como a natureza, foram rebaixadas à condição de objetos, utilizadas e controladas pelo homem.

Assim, mulheres que desempenhavam um papel central em práticas rituais, mágicas, curativas e espirituais, ligadas à Terra, à fertilidade e ao cuidado coletivo, passaram a ser vistas como bruxas na Europa medieval. Para Federici, a caça às bruxas foi uma guerra voltada para dominar o corpo feminino, bem como sua sexualidade, saberes e poderes simbólicos.

No que se refere às narrativas gregas nos deparamos com a figura do feminino sendo construída em suas narrativas, como um espelho de sua época, em uma sociedade predominantemente masculina, e mesmo assim as deusas gregas dessas narrativas, se mostram, de acordo com Renato Nogueira, como personagens fortes, inteligentes e resistentes, que conseguem levantar suas vozes e conquistar seus espaços. Em sua obra, *Mulheres e Deusas: Como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual* (2017), por exemplo, ele as utiliza para propor uma reflexão sobre as emoções e tensões dos lugares reservados ao gênero feminino na sociedade, que nem sempre são justos e/ou equânimes.

Da mesma forma, as narrativas indígenas podem ser lidas em uma perspectiva que nos desperta para os debates contemporâneos ao mesmo tempo em que nos conectam aos antepassados. Assim, a Literatura Indígena brasileira contemporânea tem ascendido nos últimos tempos e segundo estudos recentes, a produção dessas obras literárias tem crescido bastante e avança a oferta da produção de escrita de autores/as representantes dos povos originários do Brasil (Julie Dorrico, 2023).

Apesar dos saberes antigos, a escrita e a difusão das narrativas indígenas é relativamente nova, visto que, segundo Julie Dorrico, em entrevista ao portal Literatura RS (2019), esse movimento ganha forma a partir da década de 1990. Desta forma as autoras e autores indígenas buscam por meio da escrita afirmar e reafirmar suas identidade indígena como uma forma de resistência e visibilidade no cenário literário nacional.

Antes de definir o que é a identidade indígena, é necessário colocá-la em contraste com outras identidades. Essa construção está diretamente ligada ao convívio social, marcado por simbolizações, segundo Silva (*apud* Lima, 2019). De forma semelhante, a identidade feminina também é resultado de um processo social, que varia conforme a época e o lugar. Há, ainda, a construção da identidade indígena e, mais especificamente,

daquela ligada ao feminino indígena, permeada por representações sobre esses corpos que vêm sendo propagadas no imaginário popular ao longo dos anos sobre esses corpos. Nas obras de escritoras indígenas, percebe-se a busca por romper com esse sistema e por reconstruir a própria imagem.

É indispensável destacar que a construção do feminino indígena se desenvolve de forma distinta, assim como as cobranças e funções atribuídas a essas mulheres na sociedade, que diferem daquelas presentes no contexto ocidental. Do mesmo modo, a relação da mulher com a natureza nas comunidades indígenas também apresenta particularidades (Schneider, 2016). Durante muito tempo, essas mulheres foram rotuladas como “selvagens”, e sua ligação com o mundo natural foi usada para colocá-las em um patamar inferior, associando-as à ideia de ausência de civilização ou barbárie. Entretanto, diante da atual crise ambiental, observa-se que algumas sociedades começam a reconhecer o valor dos povos originários nesse aspecto.

De modo semelhante, o ser humano ocidental se afasta do meio ambiente e nega sua própria condição animal, a fim de utilizar a natureza como um objeto a ser explorado, assim como ocorre com a mulher. Esse pensamento está alinhado com o ecofeminismo. Essa corrente social e intelectual defende que a desvalorização da mulher e a degradação ambiental são problemas interligados, ambos originados da mesma raiz (Warren, 1994).

Em um processo de buscar o que é ou não teórico, podemos dizer que o movimento ecofeminista, o qual ousa colocar o feminismo na luta ecológica, não poderia estar mais fora da curva do que a academia tradicional diriam ser a verdadeira teoria. Tendo em vista isso, cabe analisar também a sua vertente cultural e espiritualista, que nesse imbróglio, busca enfatizar as conexões tanto históricas quanto simbólicas entre mulher e natureza – muitas vezes explorando dimensões espirituais e saberes tradicionais. Diante desse panorama, essa teoria traz à luz a discussão de duas minorias descredibilizadas, a mulher e o meio ambiente. A surpresa seria se fosse bem aceita desde o início, assim, o que é teórico e o que não seria suficientemente teórico como nos lembra bell hooks (2013, p. 89).

Desta forma, ao buscar transformar as relações humanas com a natureza e entre si, baseando-se na crença de que a opressão das mulheres e a destruição ambiental estão interligadas, temos o ecofeminismo espiritual, que está estritamente vinculado à teoria feminista proveniente do Sul global (Puleo, 2002). Nesse aspecto, criticam-se sobretudo

questões globais como o controle de recursos naturais, a acumulação de capital e a resistência ao patriarcado.

Em adição ao ecofeminismo espiritualista, defendido especialmente por Vandana Shiva, há o ecofeminismo construtivista, o qual determina que a interação com o meio ambiente, assim como a sensibilidade ecológica (ou a falta dela), estão pautadas na divisão sexual do trabalho e na distribuição de poder e propriedade em conformidade com as divisões de classe, gênero, raça e casta (Puleo, 2002, p. 38). Desse modo, a relação da mulher com a natureza não está diretamente ligada a características típicas do feminino, mas sim à divisão do trabalho, do poder e da propriedade na economia familiar que a essas mulheres foi delegado.

Nessas duas correntes, podemos atrelar um peso tanto ético quanto político, visto que, em uma narrativa em que há a participação de uma mulher em seu ambiente cultural e também a envolve no EU como humano, trazendo elementos tidos como desprezados e marginalizados como femininos, ou seja, laços afetivos, compaixão, a matéria, a natureza. Assim, para desenvolver uma perspectiva mais realista sobre nossa espécie, destaca Puleo (2002, p. 37) como parte de um espectro da natureza e, como resultado, tratar os seres vivos não humanos com o respeito que merecem. Ainda de acordo com ela, o cerne desse novo feminismo é a superação do sexismo, do androcentrismo, do racismo e do antropocentrismo.

Desta forma, ao revisitar narrativas épicas e indígenas, somos convidados a repensar nossa própria forma de viver, pois essas histórias refletem diretamente nosso cotidiano. Elas nos permitem resgatar e valorizar *cosmovisões*² matriarcais, figuras divinas femininas e práticas ancestrais que incentivam uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente. Mais do que simples registros literários, essas narrativas funcionam como espaços de preservação cultural e de afirmação política. Elas constroem personagens simbólicas, geralmente femininas, que representam o corpo, a terra, o sagrado e o sentimento de pertencimento – temas que se conectam fortemente com os mitos gregos e os contos indígenas, como veremos adiante.

2. Entrelaçando narrativas e sentidos: *Deméter* e *Omáua* sob uma perspectiva ecofeminista

² Disponível em: <[Cosmovisão - O que é, teoria, conceito e definição](#)>. Acesso em 09 de out. De 2025.

Seres divinos profundamente ligados à natureza estão presentes em diversas sociedades há muito tempo. Essas narrativas ancestrais orientam a vida das pessoas que pertencem a essas comunidades e que depositam sua fé nesses seres. É o caso das deusas da mitologia grega, em tempos antigos, e dos *encantados* na perspectiva dos povos indígenas sul-americanos.

Podemos encontrar essas visões nas narrativas escritas por Eliane Potiguara e Martha Robles. Brasileira e indígena do povo Potiguara, Eliane carrega consigo vários títulos que lhe foram outorgados, entre eles o de “Cavaleiro” do Mérito Cultural e o de “Mulher do Ano de 1988” pelo Conselho de Mulheres do Brasil. Ela é escritora, poeta, professora, ativista indígena e contadora de histórias. É autora de obras como: *Metade cara, metade máscara* (2018), *O pássaro encantado* (2015) e *O vento espalha minha voz originária* (2023)³, entre outras.

Por sua vez, Martha Robles, socióloga e escritora mexicana, é autora de ensaios, romances, contos e prosa. Dedicada a leituras e releituras do passado e fiel ao que denomina “verdadeira ficção”, apresenta uma diversidade temática que transita entre a cultura ateniense, as 'biografias clandestinas' e os dramas da contemporaneidade, sem negligenciar a poesia, a crítica e a realidade feminina. De sua infância, a autora traz a compreensão sobre a importância de caminhar, ler e observar. Suas biografias, ficcionalizadas em primeira pessoa, revelam um conhecimento recôndito. Entre suas obras de maior destaque estão *Memoria de la Antigüedad* (1994), *Mujeres, mitos y diosas* (1996), *Los pasos del héroe*, *Mujeres del siglo XX* (2002) e *Viaje al mito de ida y vuelta* (2024)⁴, e mais.

Na obra *Mujeres, mitos y diosas* (2006), a versão de Robles para o mito grego de Deméter destaca-se por entrelaçar temas como a maternidade, o luto, o ciclo das estações e a conexão sagrada entre o corpo feminino e a terra. Segundo a autora, ao buscar sua filha raptada, Perséfone, a deusa suspende a fertilidade do solo, revelando seu poder sobre os ritmos naturais e sociais. Essa narrativa, presente em diversas versões da mitologia clássica, simboliza o retorno cíclico da vida e da morte, assim como também representa

³ Mais informações disponíveis em: <[Eliane Potiguara - Literatura Indígena - Um Pensamento Brasileiro](#)>.

⁴ Mais informações disponíveis em: <[Martha Robles](#)>.

as personagens femininas dessas narrativas como sendo seres, não só que, encarnam valores e funções mitológicas, mas também refletem as tensões culturais do mundo grego, como por exemplo, o conflito entre o individual e o coletivo, o divino e o humano, o corpo e a lei. São figuras complexas que, assim como ocorre em certas narrativas de autoria indígena contemporânea, revelam uma cosmovisão na qual o feminino se inscreve como força estruturante do mundo (Robles, 2006).

No reconto do mito de *Deméter*, de Martha Robles podemos ver como essa narrativa se entrelaça com a vida real dos cidadãos da Grécia da época e também dos dias atuais. Ao sofrer a perda da filha, a deusa responsável pela fertilidade da Terra, cria o inverno, no qual as sementes hibernam e nada cresce ou nasce. Assim,

Deméter cria o inverno para espelhar sua tristeza. Assombra a Terra com a angústia de árvores sem folhas, campos ressequidos, flores emurchecidas, e multiplica as cenas de homens e animais morrendo esfaimados porque nada pode crescer contra a sua vontade (Robles, 2006, p.71).

Até que, mais a frente na narrativa, em um acordo intermediado por Zeus, Deméter e Hades decidiram que Perséfone passaria metade do ano com a mãe no mundo dos vivos e a outra metade com o tio e raptor, Hades, no reino dos mortos. Nos seis meses em que sua filha está com ela, a deusa da colheita traz a vida de volta à terra, fazendo as sementes brotarem e darem frutos, o que marca a estação do renascimento. Essa ideia nos remete à crença de que as primeiras deusas nasceram da reverência à capacidade feminina de gerar vida e dar à luz, como afirma Campbell (2015). Nessa perspectiva,

[...] mulheres, por trazerem a vida, assumem a qualidade de recipiente inexaurível da própria vida. Elas são os primeiros objetos idolatrados, depois dos animais (que representam as outras forças da natureza); elas são o veículo do poder da natureza, mais que a natureza em si (Campbell, 2015, p. 45).

Deste modo, podemos relacionar a ideia de vida e morte a capacidade de gerar vida, que a natureza carrega, responsável pelo período cíclico da vida. Esse ideal circularidade também aparece no conto de *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*, essa visão cíclica está estritamente ligada à natureza e, após apresentar os feitos de Omáua (personificada em ações, tempos e coisas), a narradora explica,

— Quer dizer que tudo na vida precisa de bons ciclos. Se as pessoas amarem a natureza e todo o planeta, se substituírem o amor possessivo pelo amor à terra universal, a cura virá. Como a cobra, que troca a pele antiga por uma nova. Porque a Terra pode viver sem nós, seres humanos, mas nós não podemos viver sem a Terra! (Potiguara, 2023, p. 15).

O texto não apenas ressalta que os ciclos precisam ser respeitados, mas também alerta para as consequências de não ouvir os avisos da Terra. A sociedade capitalista em que vivemos negligencia cada vez mais o meio ambiente, desmatando florestas e poluindo rios. Essa desconexão com a natureza já foi relatada por Ailton Krenak (2019, p. 10) em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* quando ele diz que “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade.” Dessa forma, o ser humano materialista, que só ama a si mesmo e está estritamente vinculado ao consumismo, tenta se distanciar do planeta terra e dos problemas que suas ações consumistas causam, para que dessa forma sua consciência não pese.

Além disso, o mito de Deméter evidencia o poder masculino e o machismo da sociedade grega. A autoridade final está com Zeus, o senhor dos céus, que age como um líder político para tomar a decisão. O texto diz: "Deméter se apresentou perante Zeus para reclamar-lhe justiça" (p. 70), e, como um chefe de estado, Zeus conversa com todos e encontra um jeito de não se indispor com ninguém, sem dar a vitória completa a Deméter – ou a Hades.

No mais, na narrativa da deusa grega, vê-se a simbolização da essência da fertilidade da terra e os ciclos de vida, morte e renascimento. Retomando o conceito de ciclo, uma série de eventos que se repetem de forma regular, percebemos que a morte é necessária para o renascimento, assim, Deméter “concorda em fazer dos cultivos o recipiente exato dos ciclos de vazio e de vida” (p. 72). Essa ideia nos leva a refletir sobre a importância de lembrar e (re)contar as mitologias antigas.

Como afirma a pensadora Donna Haraway (2023, p. 32), a narração de histórias é fundamental para o nosso pensamento. Ela nos lembra que "Importa quais pensamentos pensam pensamentos; importa quais histórias contam histórias". Dessa maneira, a forma como contamos as nossas histórias molda a maneira como entendemos o mundo. E a recontagem de narrativas mitológicas nos conecta de certa maneira a nossas ancestralidades.

Em seu livro, *Deusa: os mistérios do divino feminino*, Campbell nos fala da Grande Deusa, um símbolo arquetípico que representa as energias de transformação e iniciação. Ele traz como exemplos a deusa da fertilidade, a deusa-mãe e a deusa da morte

e do renascimento. E mesmo que essa figura tenha recebido diferentes nomes ao longo da história (como Ísis, Deméter, Afrodite e Maria), sua essência permanece.

De certa forma, a conexão entre o feminino e a natureza se mantém intrínsecas nessas narrativas. A perda de Perséfone e o luto de Deméter, por exemplo, podem ser interpretados como a perturbação da ordem natural e a interrupção dos ciclos, o que se reflete na exploração ambiental. Tendo em vista que os mitos sempre serviram para explicar fenômenos naturais, a origem do universo e as instituições sociais da Grécia Antiga. Sendo assim, essas narrativas eram e continuam sendo um grande meio de transmissão de valores culturais, morais e sociais, funcionando como algo muito mais do que apenas entretenimento (Christ, 1978).

Nessa ótica, para os povos originários, as narrativas são muito mais que simples histórias; elas constituem correntes que conectam e mantêm viva a cosmovisão de seus povos. Como afirma Krenak (2022), essas narrativas não são meros mitos, mas a própria base da existência e da continuidade cultural. Em vez de serem apenas lendas do passado, são histórias vivas que estabelecem uma relação indissociável com a Terra – a origem e a memória da criação do mundo – e que permanecem como forma de resistência poética e de valorização da vida (Krenak, 2022, p. 52). Essa visão é explorada pela personagem na narrativa de Eliane Potiguara (*Originárias*), como podemos ver no excerto a seguir:

[...] A indígena-mãe que dormiu ao lado do rio Amazonas e sonhou com Omáua despertou emocionada e compreendeu que a sua luta não era em vão. Sentiu que seus ancestrais estavam lhe dando um sinal para que fizesse parte da própria história, e assim fortalecesse os bebês que ainda estavam por nascer [...] (Potiguara, 2023, p. 16).

Na citação acima, percebemos não apenas a intensa luta dos povos indígenas para preservar e transmitir suas narrativas oralmente, mas também uma forma singular de compreender o mundo e de ensinar às novas gerações a visão e o entendimento de seu povo, cuja forma de vida está intrinsecamente ligada à natureza. A professora narra a história de uma mãe que, após perder a filha, é consolada pelo rio e pelos sonhos que a conectam aos seus ancestrais. Dessa forma, ela (a mãe) supera o luto por meio de sua ligação com os encantados, algo que, em outras sociedades, pode ocorrer de maneira semelhante por meio da religião e de seus deuses.

Ademais, Carol P. Christ sugere que, assim como a religião patriarcal legitima a autoridade masculina, ela também mina a identidade sexual e espiritual das mulheres. Logo, a política feminista deve desafiar esses padrões psicológicos enraizados, propondo o desenvolvimento de um sistema simbólico centrado na mulher, como a figura da Deusa:

[...] época da colheita, um cerimonial que se apartava da liturgia porque as tesmoforiantes sacrificavam leitões e revolviam seus restos com terra a fim de fomentar-lhe a fertilidade.

Durante aqueles dias, as mulheres dormiam em tendas próximas aos santuários. Não podiam faltar os excessos carnavais depois do jejum nem os atos dionisíacos alusivos, talvez, às andanças de Deméter pelas pradarias ou a seus prazerosos encontros sexuais (Robles, 2006, p. 73).

Esse sistema visa a reafirmação do poder, do corpo, da vontade e dos vínculos femininos. Essa visão se alinha ao retorno do culto às deusas, que não necessariamente se manifesta da mesma forma que o de Deméter, citado por Robles. Em vez disso, evocar-se-ia novas perspectivas de poder. Um exemplo são as narrativas ancestrais dos povos originários brasileiros, nas quais suas cosmovisões incluem seres divinos que se assemelham a deuses ou deusas, mas que, na verdade, são a própria personificação da natureza. Assim, o meio natural pode transmitir tanto conexão espiritual ou relação de parentesco como sugere Krenak em seu livro *Futuro ancestral* (2022).

No conto de Omáua, a professora, ao contar as histórias de criação na aldeia, narra a história da menina, filha de uma indígena e de um holandês. A mãe, após perder a filha, chorou e, depois de adormecer, a reencontra. Ao ser questionada sobre quem é a menina, a professora responde: “Ela era a filha espiritual do rio Amazonas, aquela que nada rio acima e rio abaixo e se espalha pelos outros rios do Brasil, fazendo o amor fluir por águas, mares, lagos, lagoas, montanhas, manguezais, árvores e pessoas (Potiguara, 2023, p. 14)”. Dessa forma, a apresentação evidencia a ligação intrínseca entre o mundo espiritual e o físico, ao mesmo tempo que une a menina à ecosfera⁵ e ao mundo natural.

⁵ O termo ecosfera se refere a um ecossistema específico ou a uma esfera de vida que abrange todos os seres vivos e não vivos em um determinado ambiente. Mais informações em: <[O que é ecosfera? - eCycle](#)>. Acesso em: 08 de out. de 2025.

Ademais, nas duas narrativas as personagens se *transmorfam*⁶ e, assim como fazem parte da natureza, retomam ao um Eu animal. Como vemos na passagem citada acima – Já que a menina era filha espiritual do rio – e na passagem a seguir:

Sabe-se que Deméter, cansada de indagar aqui e ali sobre o paradeiro da jovem, esqueceu-se de todos os seus flertes e casos amorosos com titãs ou com deuses e pôs-se a pastar, transformada em égua, junto ao gado de um certo Onco, supostamente descendente de Apolo, que reinava em um lugar da Arcádia chamado Onceium (Robles, 2006, p. 67-68).

Assim, transfigurada em égua, Deméter é abusada por Poseidon, que se transforma em garanhão. Essa cena ultrapassa a simples antropomorfização do divino, passando para a antropomorfização do animal. Os seres naturais aparecem com características humanas, sendo providos de linguagem verbal, “inteligente, sensível e dotados de saberes sobre a vida do mundo” (Maciel, 2023, p. 24). Da mesma forma, a figura espiritual de Omáua delega sentidos e ações tipicamente humanas a elementos da natureza, como rios, mares, montanhas e árvores.

No entanto, enquanto a narrativa indígena de Potiguara descreve os seres divinos e a natureza como algo sublime que precisa de proteção, o mito de Deméter, recontado por Robles, apresenta cenas de abuso. Esse tipo de violência é comum em narrativas mitológicas, refletindo não só a época em que eram disseminadas, mas também a sociedade na qual fazem parte, e que reflete na sociedade ocidental atual. Nas quais, homens abusam de seu poder, violentando mulheres e o meio ambiente, tratando-os como mercadorias.

Dessa forma, percebemos que essas duas narrativas podem ser interligadas, mesmo pertencendo a tempos e culturas distintas. Em ambas, há uma forte presença do divino e uma profunda conscientização sobre a necessidade de estarmos conectados à natureza, ou seja, de retornarmos às nossas origens enquanto seres animais. Observa-se também a transmissão de valores por meio da narrativa oral, posteriormente transformada em escrita, mas que preserva o mesmo propósito: compartilhar conhecimentos e modos de compreender o mundo dessas culturas. Muitas vezes, essas narrativas são lidas e interpretadas a partir do olhar e do contexto da época do leitor, influenciadas pelas

⁶ Transmorfo é um ser que pode mudar para algo completamente diferente, sendo essa transformação gradual ou subitamente, podendo envolver forma, tamanho, cor, textura ou qualquer combinação desses elementos. Disponível em: <[Transmorph vs Morph: Meaning And Differences](#)>. Acesso em: 10 de out. de 2025.

tendências críticas vigentes, o que modifica a forma de percebê-las à medida que mudam as lentes de interpretação.

Nesse ponto de vista, essas narrativas abrem os nossos olhos e nos orientam a "ficar com o problema", um conceito que Donna Haraway (2023) utiliza em seu livro *Ficar com o Problema: Fazer Parentes no Chthuluceno*. Isso significa reconhecer que, como humanidade, estamos trilhando um caminho equivocado: o de explorar excessivamente os recursos naturais. Ao sugar a Terra cada vez mais, nos distanciamos dela, agindo como se não fizéssemos parte dessa mesma ecosfera e falhando em perceber que, no limite, não vamos sobreviver a nós mesmos.

Adicionalmente, Haraway (2023) nos convoca não só a fazer parentes, mas também sugere ultrapassar o uso do termo Antropoceno, propondo o uso de Chthuluceno. Uma vez que, o primeiro termo (Antropoceno) significa colocar os seres humanos no centro dessa época em que vivemos, enquanto o Chthuluceno está no devir-com, uma era em que humanos e não humanos estão intrinsecamente ligados, vivendo em harmonia e cooperação.

Considerações finais

Diante das duas narrativas, o mito de Deméter e o conto de Omáua, percebemos que ambas as narrativas contêm uma forte simbologia de preocupação ambiental. A deusa Deméter, ao criar o ciclo das estações, nos lembra da necessidade de respeitar o tempo da terra. Já a história de Omáua ressalta a importância de estarmos sempre em conexão com a natureza e sem agredir o solo. Juntas, elas nos incentivam a adotar um estilo de vida mais sustentável se quisermos continuar a coexistir harmoniosamente com todos os outros seres vivos na ecosfera terrestre.

Em *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*, aprendemos que a contação de histórias é um instrumento fundamental para educar as futuras gerações sobre a resistência. Enquanto que, com a narrativa de Deméter, percebemos a importância de nunca desistir e de lutar pelo que nos é mais precioso, pois a deusa não abandona a busca por sua filha e, ao reencontrá-la, procura uma forma de tê-la de volta.

Apesar de a mulher ser subjugada no conto de Deméter e elevada na história de Omáua, a agência de ambas as personagens se manifesta nas duas narrativas. A história

grega, ao refletir os preconceitos de uma sociedade patriarcal, contrasta com a contemporaneidade da narrativa de Omáua. É justamente nesse ponto que este artigo se insere, buscando analisar essas histórias, antigas e atuais, a partir de uma perspectiva ecofeminista. As duas narrativas, ao explorarem o poder divino, nos fazem refletir sobre a importância fundamental de respeitar os ciclos da vida.

REFERENCIAS

BEARD, Mary. **Mulheres e poder**: um manifesto. Tradução de Jennifer Koppe. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CAMPBELL, Joseph. **Deusas**: os mistérios do divino feminino. Editado por Safron Rossi. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.

CHRIST, Carol P. **Why Women Need the Goddess: Phenomenological, Psychological, and Political Reflections**. 1978. Disponível em: <["Why Women Need the Goddess" by Carol P. Christ](#)>. Acesso em: 07 de Ago. de 2025.

POTIGUARA, Eliane. **Omáua, a menina que mora no fundo dos rios**. In: DORRICO, Truduá; NEGRO, Mauricio. **Originárias**: uma antologia feminina de literatura indígena. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023. p. 13-19

DORRICO, Julie. **A poética do eu-nós**: uma conversa com Julie Dorrico. Entrevista concedida a Cecília Rodrigues. estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 69, e6914, 2023. Disponível em: <[SciELO Brasil - A poética do eu-nós: uma conversa com Julie Dorrico](#)>. Acesso em: 09 de Ago. de 2025.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução: Ana Luiza Braga. N-1 Edições. 1. ed. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMA, P. E. R. S; RODRIGUES, W. A construção do feminino na literatura indígena: identidade e diferença. **Revista Philologus**, ano 25. n. 75. Rio de Janeiro: CiFEFiL 2019.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidades**: zooliteratura e os limites do humano. 1º ed. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2008.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: História, Teoria e Crítica. 3a Ed. São Paulo: Editora USP, 2021.

NOGUEIRA, Renato. **Mulheres e deusas**: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

PULEO, A. H. Feminismo y ecología. nº 31. **El Ecologista**, 2002. Disponível em:<[Feminismo y ecología - Dialnet](#)>. Acesso em: 09 de Ago. de 2025.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. Tradução: William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SCHNEIDER, Liane. Vozes de escritoras indígenas das Américas: resistência em forma de verso no Canadá e Brasil. v. 16 n. 3. Florianópolis/Pelotas/São Paulo: **Revista Interfaces Brasil/Canadá**, 2016.

WARREN, Karen J. (org.). **Ecological Feminism**. London: Routledge, Environmental Philosophies series, 1994. pp. 224